



A nossa turma do 1º ano pesquisando a história da escrita



Cristina Maria Campos
Paulo Cesar de Campos

**Cristina Maria Campos
Paulo Cesar de Campos**

**A NOSSA TURMA DO 1º ANO
PESQUISANDO A HISTÓRIA DA ESCRITA**



Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Cristina Maria Campos; Paulo Cesar de Campos

A nossa turma do 1º ano pesquisando a história da escrita. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 91p.

ISBN: 978-85-7993-363-9 [Impresso, 2016]

978-65-5869-232-4 [Ebook, 2021]

1. História da escrita. 2. Trabalho pedagógico. 3. Recordação escolar.
4. Ternura. 5. Autores. I. Título.

CDD – 410

Capa: Hélio Márcio Pajeú

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luiz Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2021

Sumário

Cristina Maria Campos O 1º ano e a História da Escrita.	7
Paulo Cesar de Campos A escrita desta história.	13
Laura Noemi Chaluh Prefácio: Da história da escrita... Da nossa história.	15
Alícia Vitória Barboza Teles A época das cavernas.	20
Ana Laura Scandoleiro Os homens da caverna.	22
Antonio Henrique Dutra Maróstica Antigamente.	24
Enzo Rodrigo Nogueira Pardiniho Amor.	26
Enzo Silva Salvioni Da caverna.	28
Erika Barboza Silva Meu nome.	30
João Miguel de Oliveira Munhoz Os desenhos.	32
Leonardo Barbatì Nicolucci O alfabeto.	34
Luiz Guilherme Silvio Cipriano Urucum.	36
Maria Eduarda Matielo Dias Antes e depois das letras.	38

Maria Julia Lemes Sampaio	40
Os homens antigos.	
Marjory Santos de Lima	42
Tempos das cavernas.	
Michelle Cristina de Sousa Quirino Teixeira	44
Os Sumérios.	
Mirela Silva Deliga	46
Os dedos.	
Murilo Cesar Salvioni	48
História da história da escrita	
Otávio Henrique Valim de Godoy	50
É mais fácil hoje.	
Ruan Pereira da Silva	52
Os desenhadores.	
Ruan Rafael Palma Ayres Pansani	54
Eu amo a escrita.	
Ryan Miguel Pereira Alvino	56
A Escrita.	
Sophia Barboza Ferraz Neves	58
A Escrita me faz feliz.	
Adriana Varani	60
Pós-facio: Reconhecer o sujeito histórico, reconhecer a prática potente.	
Nossos escritores	65

Cristina Maria Campos¹

O 1º ano e a História da Escrita

A escrita tem seus primeiros sinais na chamada Pré História, ou seja, tudo o que ocorreu antes da escrita nasce com os Sumérios na Mesopotâmia até evoluir para a forma como a conhecemos hoje. É a chamada época das cavernas, onde os registros se davam com a Pintura Rupestre, desenhos feitos nas pedras das cavernas utilizando os dedos, sementes, folhas e sangue. Temos até hoje preservada essa história, graças às ciências tais como a Arqueologia, a Paleontologia, Antropologia entre outras. Estes registros encontram-se em várias localidades do planeta; destaco aqui os do Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, um dos mais estudados e Patrimônio Mundial da Unesco.

¹ Professora alfabetizadora efetiva da Secretaria Municipal de Educação Campinas. Licenciada em História pela PUC-Campinas. Doutora em Educação pela FE-UNICAMP. Pesquisadora do GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada) Bolsista CAPES, processo BEX: 5636/11-6. E-mail: cristina.crishop@gmail.com

Os alunos do 1º ano de 2016 também tem sua história e não sendo ainda usuários da escrita, vivem no mundo letrado, ao contrário do período chamado de Pré História, no qual escrever se torna uma ferramenta crucial para a inserção social e eles sabem disso. Entraram na escola com seis anos, tendo três anos para completar o ciclo de alfabetização que, como sabemos se perpetua uma vez que há uma longa e contínua caminhada desde o pré silábico até o ortográfico, nível que nem todos adultos atingem devido à complexidade da escrita, nesta etapa a escola tem o papel de trazer para todos, ainda crianças, as preocupações, investigações e construção do processo em torno da escrita.

Essas duas histórias se encontraram em fevereiro, quando a turma toda assistiu ao filme, norte americano "The Croods" (Produção Dream Works) dirigido por Kirk DeMico e Chris Sanders. Uma interessante animação computadorizada sobre as pessoas da época das cavernas e sua luta para sobreviver a transição para os finais dos tempos. A luta para comer, morar e seu jeito todo peculiar de registrar e comunicar, cada acontecimento importante com desenhos no chão e parede e, ainda, as gritantes

diferenças daquele mundo para o nosso, repleto de bens de consumo, eletro eletrônicos a computadores: Como viver num mundo como aquele? Esta foi a grande questão levantada.

O filme acabou gerando uma demanda interessante junto às crianças, bem ao encontro do que se propõe um primeiro ano escolar: Como então apareceu a escrita que fazemos hoje?

Quando o filme terminou a primeira pergunta de muitos deles:

- Nossa! O dedo não doía não? - Seguida de outras perguntas/soluções:

- Porque eles não faziam lápis? - Tinha tanta árvore lá!

- Eles só desenhavam, é muito mais fácil! Não tinha escola?

- E a borracha? E se eles errassem! Credo que coisa! Assim foi o dia após o filme, tantas perguntas sem repostas que resolvemos assistir a ele novamente e, a partir dali, eles se envolveram com a escrita e como passamos dos desenhos para as letras.

Lemos uma texto sobre a História da Escrita, com os tipos diferentes do alfabeto e pesquisamos muito na internet, assistimos pequenos a filmes sobre a escrita também e depois de muito estudo, resolvemos escrever nas pedras, voltando ao tempo das cavernas.

Combinamos com o professor de Artes, o Paulo que isso seria feito na aula dele e com seu apoio. A equipe gestora arrumou o material, pedras mineiras, urucum, carvão e polpa de uva. Após o trabalho de descascar, separar e preparar o urucum, demos início o trabalho: deixar mensagens como os homens da caverna, sem escrita, usando os dedos e a imaginação. Foi uma experiência contagiante, do começo ao fim. O envolvimento de todos foi imenso e, no dia seguinte, a alegria de olhar a sua obra e relembrar momentos do filme.

A segunda parte ficou por conta de algumas comparações, do lado de fora da sala tem uma parede de azulejos onde eles adoram passar o tempo escrevendo e desenhado. Em uma longa conversa, descobri que não é igual à época das cavernas, porque a parede é lisa, eles usam canetinha, ou tinta comprada. Se errar, eles jogam

água e a parede está sempre limpa, “tem uma moça que lava quando a gente pede”.

Contaram-me também, que com as letras é muito mais fácil, porque tem coisas que não dá para desenhar e que, por isso, a “descoberta” da escrita foi muito importante.

Textos escritos por crianças entre 06 e 07 anos, que estão começando a aprender o registo escrito, na fase inicial da alfabetização, todos com grande envolvimento. Estão escrevendo textos desde o primeiro dia de aula, mesmo antes de dominarem as letras do alfabeto.

A entrada para o mundo da escrita não se dá pelo domínio primeiro dos mecanismos de escrever para depois escrever, se dá pelo processo de escrever com sentidos. O produto deste processo é o domínio do sistema da escrita, um sistema abstrato em relação àquilo que dizemos manuseando-o. Manuseá-la da forma possível para dizer o que se quer dizer resulta numa experiência de escrever que tem como seu resultado a aprendizagem do sistema alfabético e até mesmo da ortografia. (CAMPOS, 2016, pg 299).²

² Tese de Doutorado. UNICAMP (2016). *CUMPLICIDADE E FANTASIA NA COMPOSIÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: AS NARRATIVAS PEDAGÓGICAS NO COTIDIANO*.

Dos vinte fui escriba de três, que de maio até início de setembro escreveram a sua maneira seu texto e, a cada escrita e conversas comigo e o grupo ia ganhando corpo. A história foi escrita do jeito que foi narrada por cada um deles.

O grupo entendeu a importância do escriba dentro da sociedade letrada, entendeu que eram os escribas que registravam toda a história em um início da escrita na época que nem todos a dominavam.

O leitor encontrará nesses vinte textos a visão de crianças sobre a escrita, ainda uma descoberta, alguns ligaram a sua importância à vida pessoal e outros se prenderam mais às dificuldades da vida na caverna.

A primeira escrita de cada criança está no livro, de maio a setembro entre escritas, reescritas e conversas cada um produziu vários textos.

A escrita desta história

Paulo Cesar de Campos³

Lá na rocha da caverna
ou na tela de pintura
No caderno de desenho
ou das letras
No quadro negro
ou no que protege o retrato de formatura

Em um diário de classe
ou de segredos
Desde a pré-história até o e-mail
com os dedos
Do Be-a-Bá à educação que liberta
sem medos

Todo mundo aprende
no seu tempo, sem pressa
Polegar, mindinho e seu vizinho
Diferentes e juntinhos
Mas afinal, que história é essa?

Não sei, ainda estamos escrevendo...
Só sei que tem futuro engenheiro
artista e arquiteta
Tem até especialista em dinossauros
grrrrrrrr!
É astronauta que um dia ganha o espaço

³ Artista Plástico e professor efetivo na Secretaria Municipal de Educação
Campinas, ministra aulas de Artes na EMEF “Angela Cury Zákia” E-
mail: prof.capone@gmail.com

Capaz da Prô ir junto
e fazer escala em Sedna

E sabe o que tem mais?
C-U-M-P-L-I-C-I-D-A-D-E
com toque de fantasia
e cor de amor e liberdade
Ah! nesse mundo de imaginação
tem até quem, como eu,
sonha ser professor de Arte!!!

Da história da escrita... Da nossa história

Laura Noemi Chaluh¹



Figura 1. Criando²

Dedra e carvão, terra e graveto, azulejos e canetinhos, papel e lápis... De que forma os autores deste trabalho se relacionaram com estes objetos? Como se apropriaram e de que forma se expressaram?

¹ Profa. Dra. do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Biociências da UNESP (Rio Claro).

² Fonte: foto da internet. Disponível em: <<http://rodadeinfancia.blogspot.com.br/2013/12/desenho-no-chao-de-terra.html>>. Acesso: 19 ago. 2016.

A produção que se apresenta neste livro trata de histórias.

A história de uma professora que convida, acolhe e instiga a curiosidade de seus alunos. Curiosidade que nas considerações de Freire³ (2005, p. 76) é nossa disposição enquanto seres humanos de nos espantar, nos estranhar tanto diante das pessoas - do que elas fazem, dizem, parecem - como diante dos fatos e fenômenos. Curiosidade como uma “incontida necessidade de compreender para explicar, de buscar a razão de ser dos fatos”.

Uma professora que tem a preocupação de que a escola seja **viva**, que os alunos façam perguntas e que o trabalho que juntos desenvolvem ganhe outros sentidos porque vinculado à **vida**.

Mostra-se aqui uma parceria entre a Professora Cristina e o Professor Paulo, um fazer docente compartilhado – pela língua, com arte, ou melhor, com a abrangência da linguagem – que indicia a ampliação dos horizontes dos alunos.

Trata-se de um livro escrito por autores que se iniciam na escrita.

Revela-se aqui a importância da escrita na constituição do sujeito. Escrever implica deixar sua marca,

³ FREIRE, P. *À sombra de uma mangueira*. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2005.

deixar rastros, porque “*Se não tivesse letras eu não tinha aprendido a escrever isso*” (Murilo César Salvioni)⁴.

Uma escola que deixa entrever com a socialização deste livro a relevância da constituição dos alunos enquanto sujeitos autores dos seus dizeres, sujeitos que tem coisas a dizer, sujeitos empoderados pela palavra falada e escrita. Este trabalho mostra a escola como espaço de circulação da palavra na tentativa de pensar em uma alfabetização com o cotidiano, na perspectiva de Geraldi (2003, p. 5)⁵, quem considera que temos que ter a disponibilidade para estarmos abertos e assim “aceitar histórias contidas e não contadas, opiniões e sonhos abortados pela desigualdade, tendo o cuidado de não confundir desigualdade com diferença”. Isto implica pensar em um fazer docente atento ao outro.

Um livro que mostra um ambiente escolar que acolhe o exercício da escrita das crianças, paredes com azulejos que oferecem suporte às produções dos alunos.

Talvez a experiência aqui socializada diga do mundo estético da escola e do mundo ético da escola. Da escola que projetamos e a escola que efetivamente construímos no cotidiano escolar.

⁴ Um dos alunos autores deste livro.

⁵ GERALDI, J. W. Alfabetizações cotidianas: as letras da cidade e a cidade das letras. In: GARCIA, R. L.; ZACCUR, E. (Org.). **Cotidiano e diferentes saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, Niterói. 2006. p. 59-71.

Concordo com as considerações de Kolb-Bernardes (2010)⁶ quando faz um convite para que pensemos na escola como um espaço de acolhimento; no qual caibam desejos, sonhos, angústias e incertezas; a escola como um lugar do afeto, da memória e de compartilhar a história de vida de cada um .

Esta produção também diz do compromisso e envolvimento por parte de todos os que de alguma forma o fizeram possível, um trabalho que teve a intencionalidade de promover a escrita de si, a escuta do outro, a partilha de histórias...

Muita alegria, enquanto leitora, de ver estes autores dizendo suas palavras para o mundo.

Parabéns à escola, professores e alunos que fizeram possível esta proposta que, a partir de agora, fica registrada na história.

⁶ KOLB-BERNARDES, R. Segredos do coração: a escola como espaço para o olhar sensível. **Cad. CEDES** [online]. 2010, vol.30, n.80, pp. 72-83. ISSN 0101-3262.

OS TEXTOS DOS ALUNOS

A Época das Cavernas

Os homens da caverna usavam sangue dos animais para escrever, não tinham caneta.

Desenhavam para contar sobre suas caçadas, brincadeiras e outras coisas.

Muito tempo depois apareceram as letras. Os Sumérios inventaram a roda e as letras, por isso eu gosto deles, eu gosto das letras. Eles moravam em casas feitas de rochas.

A gente fez argila para escrever igual a eles, foi legal, mas eu prefiro escrever no caderno com lápis e borracha.

Naquela época não tinha nada disso e a gente teve que imaginar que a argila era caderno e escrevemos com palito de churrasco.

Agora a gente pode escrever carta para a mãe, a irmã, pode ler livro e gibi. Acho que agora é mais fácil porque tem lápis, borracha e caderno.



A história da escrita

OSZOMESDQZVE N2UZZV2S2TRP
 ITIT2 E VIMZTAVQITIR2VA
 2A PETIJOE2AHIM2ISIEIIS
 207ENH2VA, PAR2EF2I2, COU
 2M2I I E IISUZ2V2C2V2
 2O IS2TR2E I I I I N H2N I U Z
 2URUCU P2R2U Z 2 P2R2E S2
 2P2D2O T E P O E I E S I V E T A R S I V E G R I

Ana Laura Scandoleiro

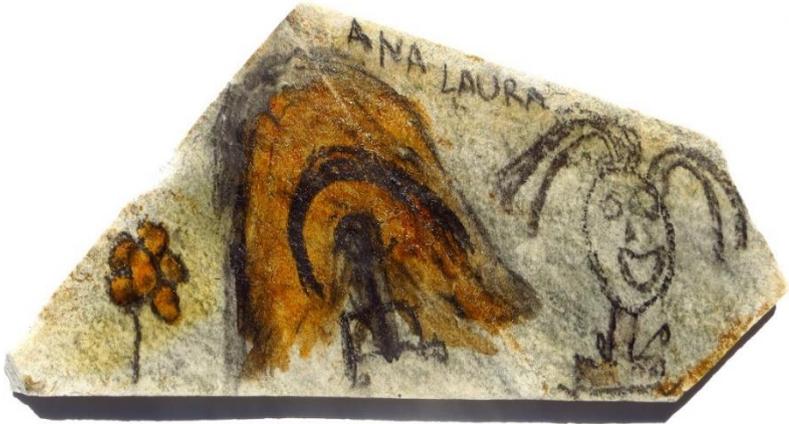
Os Homens da Caverna

Eles não usavam lápis, caderno e borracha. Desenhavam com a mão na parede da caverna, bichos, pessoas e coisas.

Na pedra eu desenhei uma menina pulando corda, não gostei porque tem que molhar o dedo na tinta toda hora.

Os Sumérios inventaram a escrita e escreviam na argila, eu também fiz uma folha de argila, achei muito difícil escrever nela.

Hoje a gente tem o alfabeto e escreve com o lápis.



A NISTORIZ d2 escrit2

ELI	REC	LEOLE	DA	VDCE	DELA	BEFO	COLI	
IORE		BMLOC	DA	DO	CEFRUE	EOR	OVAO	
OLNO		MLI	COD	AM	OD	EVANE	ORNVO	RA
OVORAVORNOU		COE	A	ODP	VOEF	ORVI	JI	
XOVIR	R	VOE	O	ADVO	VLNO	VOPVOLW		
NOV	ORA	OIE	I	FORI	V	OLOIN	V	OIN
KORUEF	AD	I	ATG	ORMM	OVM	ROVI	A	

Antonio Henrique Dutra Maróstica

Antigamente

Os homens da caverna caçavam bichos para comer e fazer roupa.

Usavam o sangue deles para desenhar recados. “to com fome”, “to com medo”, “vou brincar”.

Desenhavam porque não tinham letra.

Hoje tem letra porque os Sumérios inventaram as letras, escrevendo em argila. Eu fiz argila, escrevi nela e não gostei.

Agora tem letra, lápis, caderno e eu escrevo Campinas e os convites do meu aniversário.



A história da escrita

XO HOMEM C7AVAELOLE
XAVAE LCLVA OISO GOSTIMATV
XAA ELSTORIA DIAOFASTOON
XELSVAO EFFIAAPOA
XEDBOAVDANE ANAVE TAKV
XEL EPASAVA ECSTAAOFAOLA
XAVAVFASTICVAVAFIOG IAPST

Enzo Rodrigo Nogueira Pardiniho

Amor

Antes não tinha letra, os homens desenhavam porque queriam contar alguma coisa.

Eles matavam os animais para fazer roupa e usavam o sangue para desenhar, urucum e barro também.

Hoje eu escrevo amor, uma palavra bonita porque tem letra e isso é bom.

Os Sumérios eram legais, eles inventaram as letras esculpindo letras e desenhos na argila, eu fiz isso também, eles ainda inventaram a roda.

Eu prefiro hoje que tem cadeira, lápis, borracha, estojo e tesoura.



A história da escrita

MEU G.TU.. NÁ. CADENO ETOJO LAPESI...A
 ANUSILA-LETARSA BORASA...LIVO
 FD ELMATAVAVAVAVIMASITERAPELETO
 ANEMASI HZAPACOME. MORAVNUMACOR
 EOMATVAUZANI PITAVA
 /MATAVAPA COME CAVAO
 /SDRCTINGORTABCLGP

Enzo Silva Salvioni

Da Caverna

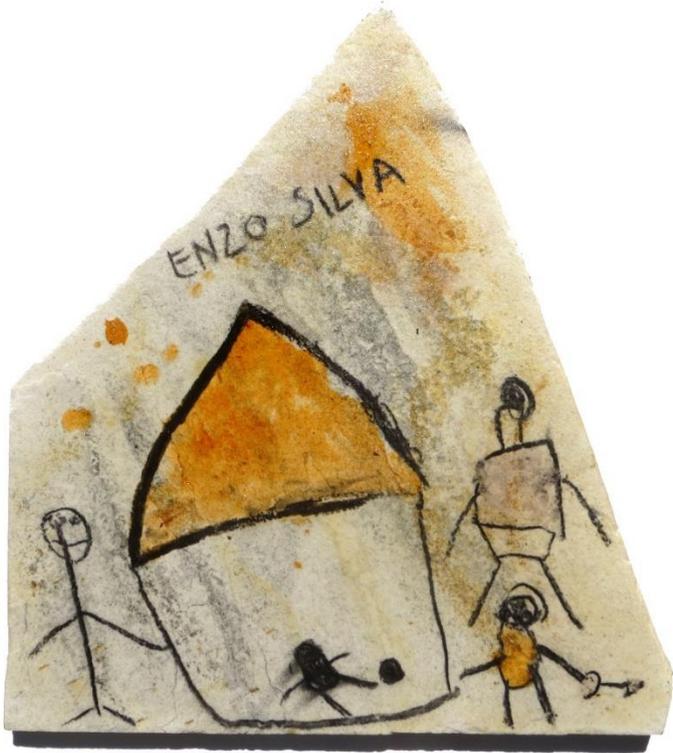
Os homens da caverna caçavam e matavam os animais para fazer roupas e comer.

Eles se comunicavam desenhando nas paredes da caverna recados, desenhavam com urucum, carvão e sangue.

A escrita é importante para comunicação, podemos escrever também no computador, hoje é mais fácil porque a gente escreve no papel.

Ela foi descoberta pelos Sumérios que escreviam na argila com varetas. Eles cultivaram a terra e dominaram os animais e moravam em casas de pedra.

Eu fiz as folhas com argila igual dos Sumérios e escrevi com espeto, achei fácil e gostei muito.



UCOMAMASCOVA... 5. CAGAVAIN
 WIMANG - PRAFAZEROPAS - EELEG
 MASTAVAVHABIXOSPRAFAZEROPAS
 EELFGGCOMHICAVAVDES ECHAHIO
 EELESDEZONA UHRECAJO EELESTEZ
 DEMAVAVUHCOMGAVVAVUM EELE
 GMASTAVAVUHABIHNAIS PRAOLE
 SCOMADEZEAVAVUHXPAREE
 COMOSEMGENAREE

Erika Barbosa Silva

Meu nome

Na caverna eles desenhavam nas paredes, coisas importantes, não tinha letra do alfabeto, desenhavam com carvão e urucum, ou tiravam sangue dos animais que eles matavam.

Os Sumérios inventaram a escrita na argila e os homens do Egito, inventaram os escribas, que eram pessoas que escreviam para quem ainda não sabia escrever.

Hoje tem letras e acho mais importante porque escrevo meu nome.



A HISTORIA ESQUIZADA DO TUNEL
 ENHARDOTATTO DE CAVENA E ITO
 ELIDESINAPARADICOTITAVEMELHA
 E LIMATAVABIOORAGOMEPOQESIPO
 LANECAVENATINALERAPOGELI
 ENIPOTAMITICASABIOPOQEOO
 OSOMIDACAVENAFLICASAVABIO
 EOPUTADONHAREDCOTITAVEMALHA

João Miguel de Oliveira Munhoz

Os Desenhos

Os homens da caverna eu acho que eles eram legais porque usavam carvão para desenhar na parede.

Não tinha lápis, borracha e caderno e agora tem tudo isso.

Os Sumérios desenhavam na argila, eles inventaram a escrita e moravam na Mesopotâmia.

Inventaram a roda também, eu acho que mais ou menos 3.500 anos Antes de Cristo.

Os egípcios tinham um escriba, um homem que escrevia para quem não sabia.



A HISTORIA DE ESCITA
O TOMEDACACANA SNAI AF
ELINTECANNIACASA INEINTEZEDAN
EUNETIACASA DEL SALGONEMUT
LAPE O ABCDAISI UAPE LEGAUG
NACTE CACORO ELEGAHOTE PACO
LA COMIDA VE EQUIE OVIENES
ELIQUENDICANE THOU SEGA OZMEI

Leonardo Barbati Nicolucci

O Alfabeto

Na caverna não tinha lápis, caderno, mochila e papel, nem letras.

Eles desenhavam para avisar os outros o que acontecia. Usavam urucum, carvão e o dedo.

Eu vi no filme que os Sumérios não desenhavam mais nas paredes, eles descobriram as letras, desenhando na argila, a letra deles era Cuneiforme.

Eles domesticaram os animais e inventaram a roda.

Depois os egípcios melhoraram as letras e arrumaram uma pessoa para escrever para quem não sabia escrever, era o escriba.

A escrita é importante porque se eu me perder da minha mãe eu posso ter o nome da minha rua escrito no papel.



A história da escola

NÃO TINHA LAPIS NÃO TINHA X
 SADENO ELE SAIA E DEZENHA X
 NA PAREDE DE WAVA E MOLHAVA
 EMUITO FIRTE E NÃO TINHA MOXIA X
 NÃO TINHA LOZA NÃO TINHA QUADRO X
 NÃO TINHA CASA NÃO TINHA RUA X
 E DO NÃO TINHA PAPIO X

ELE SIRE PEDALIU ZA VA SHAM QUI X
 OCHIAO PI E LESEI NA O SARA X
 SIREVE RO SA IT FO USOMEAN NYO AS
 ELENA BUKHAI ELI NA O PINHO ALFABE
 TO

Luiz Guilherme Silvino Cipriano

Urucum

Antigamente os homens da caverna desenhavam com urucum porque não tinha letra.

Eu pintei na pedra igual eles com urucum, carvão e polpa de uva.

Achei mais fácil escrever na folha com lápis e letras, não gostei de escrever na argila e vi num desenho que os Sumérios inventaram as letras.



AH	STOT	2P	SC	IT	EA				
<hr/>									
EUGTIS	AN	DDA							
EUGTIS	AN	PPV							
EUGTIS	AN	LS.							
EUGTIS	AN	PLI							
<hr/>									
EUGTIS	AN	PLI							
EUGTIS	AN	PLI							
EUGTIS	AN	PLI							
EUGTIS	AN	PLI							

Maria Eduarda Matielo Dias

Antes e Depois das Letras

Os homens da caverna caçavam e matavam os animais para comer e tiravam o sangue. Pegavam frutas com semente para fazer tinta. Eles pintavam nas pedras e nas paredes com a tinta e o sangue.

Pintavam coisas da vida deles, não tinha letra e eles pensavam muito bem antes de desenhar, porque não tinha como apagar, não tinha borracha.

Os Sumérios inventaram as letras e escreviam na argila, a escrita Cuneiforme.

Eles plantavam sua comida e cuidavam dos animais, depois os egípcios que não sabiam escrever chamavam outras pessoas que sabiam, essas pessoas que escreviam eram os escribas.

Hoje tem letras e borracha e eu posso escrever muita coisa e falar no carro como se escreve e eu acho isso legal.



AS LETRAS VIA JONOMUNDO ENTÃO E LIS MANTAVA
 ALI MAIS PARA COMENR E TIRAVAO SAGE
 E LIS DEZENAVAO E LIS ESQERE CASAVAO E
 TINTACA ELIS PINTAVAO CONTINTAS E LIS PITAVAO
 NA PEDRA E PEGAVAO FURITAS COM SEMENTE
 NAO TINHA LETRA E LIS PENSAVAO ATIS DO
 ESQREVEN E PENSAVA MUNTOR EN PORQUE ELIS
 ELIS DE ZENAVAO NA PAREDE E SI ELIS E PASENVAO
 TINHA COMO E LIS APAGA PORQUE NAO TINH COMO
 QUE NAO TINHA BORAXA
 ESQUEREVER E ENPORTANTE PORQUE TIPO
 UM MAMINI FALAVA, AI COMO SE ESQER
 VE CAVALO E AGORA E DE FERENTE AGORA
 MUNDO TUNTO OZINEMIA AGENTE UZA
 AGORA AGENTE AGORA UZEMOS CADENO
 EDUARDA

Maria Julia Lemes Sampaio

Os Homens Antigos

Eles caçavam para comer e mandavam recados para sua mãe desenhando nas paredes da caverna.

Eu acho difícil porque tinha que ter cuidado, senão borrava tudo e não tinha borracha para apagar.

Os Sumérios inventaram a cerveja, a roda e a escrita, eles também domesticaram os bichos e plantavam sua comida, moravam em casa de pedra.

Hoje tem as letras e eu escrevo na folha e no caderno e a gente consegue fazer lição difícil, na caverna não tinha lição difícil porque não tinha letra.



A história de oculto

FU LECASA CELEMOA RECA DOPARA
MOA QUIITA RIQUE DO I VETA
NE COUNI E APPO CASA DENOITE
FAZINH NETI FEJE

Marjory Santos de Lima

Tempos das Cavernas

Os homens das cavernas usavam sangue de animais que eles caçavam e carvão e urucum para escrever. Só que eles não tinham letras então eles desenhavam.

Desenhavam contando que iam caçar, eu gosto dessa época porque não tinha que aprender tantas letras.

Eu acho que escrever é importante porque na hora do lanche se tiver uma comida diferente você não vai saber se não estiver escrito antes.



A ESTORIA DA CRIANÇA
 OS DIÁRIOS DA CAVERNA
 SÃO SÓCIS E CARVALHO
 (E) USAM O URUCUR E LIG
 NÃO SE CRIVIAM E LIG DEGRA
 POR QUE NÃO TIRA LETAS E E
 TRA

Michelle Cristina de Sousa Quirino Teixeira

Os Sumérios

Os homens da caverna caçavam os animais para comer. Depois pegavam o sangue e desenhavam nas paredes.

Os Sumérios inventaram a escrita e escreviam na argila, eu escrevi na argila “pular corda”, porque eu gosto muito de pular corda. A Isabela do 6º ano me ajudou a escrever na argila.



A HISTOIRE DE CÉCILE
ACIDE FMOE NVZ

Mirela Silva Deliga

Os Dedos

Os homens da caverna desenhavam com os dedos, porque não tinham lápis. Desenhavam história de urso e de tudo daquela época.

Era ruim porque não tinha banheiro nem nada, eu não queria morar lá.

Depois apareceram os Sumérios que não moravam em cavernas e cuidavam das vacas, eles inventaram as letras, escrevendo na argila.

Agora tem alfabeto e eu posso escrever mamãe, papai e o nome do meu irmão.



xE 1 LIMATA MAO
 xE 2 LIMORONACAVNA
 xDA SA SEGE AREINAD
 xE LI GE QOPOCOUUMODIA
 xQAMFO
 xE VICASAD BIFD
 xE LINOSABAN DE CASA

Murilo César Salvioni

História da História da Escrita

O homem da caverna não tinha roupa igual a minha, a dele era de pele de animais.

Não tinham letras, desenhavam para falar “vou brincar”!

Depois os Sumérios inventaram a escrita, eu acho que eles são legais por isso, eles escreviam na argila.

Eu escrevi meu nome na argila com as letras deles e achei difícil, achei difícil também escrever na argila igual eles. Escrevi com vareta as palavras avião e caminhão, não consegui escrever meu nome todo, o R fica muito esquisito na argila.

Hoje a gente tem letras e é importante para escrever saber o nome de todas elas e dá para escrever: cachorro, avião e dinossauro.

Se não tivesse letras eu não tinha aprendido a escrever isso.



A hi STÓTA JA ESC TITÁ
CASA TOS ZAVAN ROPAREZAVAVDAG, E CURUQU
SAAN E VINUA NE MAO VOBICADABIQ, ETO
Handwritten notes in a smaller script below the main text.

Otávio Henrique Valim de Godoy

É Mais Fácil Hoje

Os homens da caverna não tinham lápis, caderno, televisão e cama, roupa e carro. Era muito ruim.

Eles desenhavam na caverna o que queriam contar para os outros.

Hoje é melhor porque tem tudo isso e estojo, lápis e caderno e fica mais fácil estudar.



EOIANVGAMTRUBVCSDEAYVEVRIFO
SXUORNDMIOCNRAIOZ

Ruan Pereira da Silva

Os Desenhadores

Os homens da caverna não tinham lápis e nem letra, então desenhavam na caverna para outras pessoas saberem o que eles estavam fazendo, usavam urucum, carvão e o dedo.

Hoje é mais fácil porque tem lápis, caderno e a borracha e eu posso escrever sentado.

Quem inventou a escrita foram os Sumérios.



CAORTSIANFEETRMOPEOTGVWOF
UARTSINETOPNEPTVLNFIAGROT
INUTSIEPOLPNEPTVLNAGROIEF
IUSUEPLOPNRFOPVNEGARTEOA
EUSUELPNTLNFOPLVGANARTEOA

Ruan Rafael Palma Ayres Pansani

Eu Amo a Escrita

Antigamente não tinha letras e eles desenhavam para contar o que faziam, usavam urucum, carvão e barro.

Os Sumérios inventaram as letras, a cerveja, a argila, a roda, eu acho que eles inventaram tudo o que tem no mundo, a Cris falou que não.

Mas eu acho que sim, todo dia que a gente assiste a um filme, tem uma invenção deles, e ela fala:

- Não! Isso eles não inventaram não.

Eles começaram com mapas, depois com desenhos e finalmente com a escrita, escrevendo na argila com palitos. Eu achei o alfabeto deles mais difícil que o nosso, a Cris disse que é porque eu nasci depois deles,

Eu também fiz uma folha de argila e escrevi com palito de churrasco, pareceu legal, mas não foi fácil fazer a argila e escrever em Sumério. Eu não quero ser Sumério.

Hoje tem letra e eu amo a escrita, porque posso brincar com ela, escrever um monte de coisas e procurar dinossauro no computador da diretoria.



A HISTORIA DE RESCATE
 CAJENTE ESCITEVECOLLAPI
 * AJENTE EGMEH AVECOUOC
 * AGORATEMMEOXITIA
 * AGORATENLOLA
 * AGORATEMBINOCEDO
 * AGORATENCADEBRA
 * AGORATEMBODAXA
 ANTIGAMENTE MAESTRO DE TH
 XANTIGAMENTE ENAOESTIGIA
 XANTIGAMENTE ENAOESTIGIA
 XANTIGAMENTE ENAOESTIGIA
 XANTIGAMENTE ENAOESTIGIA
 XANTIGAMENTE ENAOESTIGIA
 RUAN RAFAEL 2003/15

Ryan Miguel Pereira Alvino

A Escrita

Os homens da caverna matavam animais para comer, como não tinham letras eles desenhavam nas paredes para contar aonde iam, desenhavam com sangue dos animais mortos e carvão.

Depois apareceram os Sumérios, que criaram as hortas e domesticaram os animais.

Inventaram também as letras, escrevendo na argila com cones, mais tarde os egípcios que não sabiam escrever, chamavam outras pessoas para escrever para eles.

Essas pessoas eram os escribas, eu já fui escriba da Robô e ela já foi minha.

Hoje em dia eu uso lápis, escrevo no caderno. Para isso servem as letras para contar tudo o que a gente quer, eu prefiro escrever que desenhar.

As letras maiores (bastão) são mais fáceis.



ELIS USAVMEU U CARVAU
 I ELIS MATAVMEUSS SAMAMAIS
 PRA U CUME MU SOMES
 DA CAVERNA NAO
 TINHA CADERNO
 ELIS U SAVMEU
 U SMEGI DO SAMAMAIS
 OELGI DI A
 EU U SO LAPIS
 I EU ISORE VO
 MU CADERNO
 AS LETRA
 SE RVE PRA S
 SO QUI MO
 SOMES DA CAVERNA
 NAO TINHA ASLETRA

A Escrita me faz Feliz

Na época das cavernas não tinha escrita, eles desenhavam para a mãe deles o que queriam contar pra ela. Usavam carvão e sangue.

Os Sumérios que prenderam os animais e fizeram hortas também descobriram as letras.

Agora tem letras e lápis e eu posso escrever “mamãe eu te amo” por isso a escrita me faz feliz.



XA HISTORIA DA ESCRITA

X

XECOTO DA ESCRITA PORQE ELAMIA AFELIL
 XA ESCRITA ELEGAO PUQE ECOTO DA ESCRITA
 XPURQE ECOTO DA ESCRITA EDIMAS PUQE E
 XELILMATA VOSO ARIMASITIRAWAPE
 XELILANTAXOFSOARIANAS BEGACEQI

Reconhecer o sujeito histórico, reconhecer a prática potente

Adriana Varani¹

Na vida cotidiana há manifestações intensas e diversas que nos dão a dimensão da potencialidade dos sujeitos. Em contextos adversos elas ocorrem por meio de suas resistências ou pelas suas artes do fazer, como nos lembra Michel de Certeau². Nesta obra os organizadores nos contam parte desta potencialidade, pela história da história das crianças na sua relação com a escrita, no seu processo de significação da escrita. Eles nos contam e proporcionam a visibilidade desta potencialidade em um contexto macro político de adversidade, em que discursos e práticas estão se voltando para o controle de pedagogias emancipatórias.

“Quem tirou o colorido do ensino fundamental?”, perguntou-me certa vez uma aluna do curso de Pedagogia, inconformada com a diferenciação do trabalho da educação

¹ Pedagoga, foi professora da Educação Básica em escolas públicas. Atualmente é professora na Faculdade de Educação da UNICAMP, atuando especialmente com orientação de estágio.

² CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves].

infantil em relação àquilo a que as crianças eram submetidas nos anos iniciais do fundamental. O sujeito que a tirou eu desconheço, porque, inclusive, não sei se algum dia ele esteve colorido, mas eu sei quem está lutando para colorir cada vez mais a vida de crianças que vão para a escola do ensino fundamental. E posso responder que as experiências registradas pela professora Cristina, nos leva a compreensão deste colorido.

Vale ressaltar que este não é o primeiro livro publicado com os pequenos. “Que brincadeira é essa (2014)” e “A memória do bebê (2015)” já anunciavam também um olhar para recuperação de histórias: as histórias de brincadeiras de infância de seus pais e as memórias recuperadas junto com os pais sobre suas características como bebês. Para quem conhece o trabalho de Cristina, sabe que sua prática é recheada de um olhar cúmplice para com seus alunos. E nesta cumplicidade reconhece o outro como sujeito de saber, de conhecimento, estético, ético, e, enfim, histórico. Talvez esta prática esteja marcada pelo seu comprometimento e sua área de interesse e formação como historiadora.

O trabalho que realiza nos remete ao conceito de inédito viável de Paulo Freire³. Ela, como raras professoras, supera e não se rende às “situações (supostamente) limites” do cotidiano escolar e torna visível e real o inédito da superação de uma educação que controla, reprime, é anti-dialógica.

Reconhecer que a escrita tem história, assim como tinha feito com o reconhecimento de que a brincadeira tem história ou as crianças tem memórias de bebê, e ao proporcionar à criança este movimento de reconhecimento, leva a se reconhecer como sujeito histórico. E como sujeito ela escreve também, constrói sua história e a história da humanidade. E reconhece também que há processo de desenvolvimento, o que para Alicia “agora é mais fácil porque tem lápis, borracha e caderno”.

E Enzo demonstra o processo de reconhecer esta humanidade ao registrar, pois “hoje eu escrevo amor, uma palavra bonita porque tem letra e isso é bom”. Quem escreve é o autor-criança para dizer que é capaz de expressar um sentimento tão bonito porque existem as letras. As letras potencializam o reconhecimento de é que possível a expressão.

³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

Vale também ressaltar a construção de parcerias no interior da escola. A professora Cristina não levou a adiante um trabalho isolado, mas no reconhecimento do trabalho com a integralidade do indivíduo, a parceria acontece com o professor de artes, professor Paulo. A nossa história não se escreve e não acontece no mundo individualmente, por sermos seres sociais. E como tal, somos coletivos, o professor constrói no mundo, se reconhecem no mundo, na relação com o outro. Na relação com o outro professor, com o outro estudante e com tantos outros que nos deixam marcas inscritas em nossas identidades.

Dar continuidade ao trabalho pedagógico a partir do questionamento das crianças e das relações que elas estabelecem com o mundo, sempre nos lembrando que somos sociais, é se responsabilizar eticamente pelo outro, pelas crianças. Da assistência do filme “Croods”, surge a pergunta “Nossa! O dedo não doía não?”, dentre outras. Tomar a necessária resposta à pergunta ou sua problematização implica num compromisso ético dos professores com seus alunos. Sonia Kramer⁴ nos lembra “O agir ético como

⁴ KRAMER, Sonia. **A Educação Como Resposta Responsável:** apontamentos sobre o outro como prioridade. In: FREITAS, Maria Teresa (Org.) Educação, Arte e Vida em Bakhtin. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

responsabilidade significa a presença ativa, a não indiferença, o inverso da omissão e do esquecimento”.

Diante de um quadro atual em que há tentativas de destituição das conquistas educacionais, da possibilidade de uma educação emancipatória, temos ao revés, uma educação potente em que, neste livro, nos brinda com a riqueza da esperança dos envolvidos neste trabalho, ensinando não apenas aos estudantes, mas aos seus leitores, a se reconhecerem sujeitos históricos.

Foi um prazer ter tido a oportunidade de ser leitora privilegiada deste livro que representa uma parte do trabalho realizado pelos autores.

NOSSOS ESCRITORES

Alicia Vitória Barbosa Teles

A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Ana Laura Scandoleiro
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme.



Antonio Henrique Dutra Maróstica
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme.



Enzo Rodrigo Nogueira Pardiniho
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme.



Enzo Silva Salvioni

A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme.



Erika Barboza Silva

A primeira letra do meu nome em escrita Cuneiforme.



João Miguel de Oliveira Munhoz
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme.



Leonardo Barbati Nicolucci
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Luiz Guilherme Silvino Cipriano
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Maria Eduarda Matielo Dias
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Maria Júlia Lemes Sampaio
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Marjory Santo Lima

A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Michele Cristina de S. Q. Teixeira
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Mirela Silva Deliga

A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Murilo Cesar Salvioni

A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Otávio Henrique Valim de Godoy
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Ruan Pereira da Silva
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Ruan Rafael Palma Ayres Pansani
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Ryan Miguel Pereira Alvino
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Paulo Cesar de Campos
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



Cristina Maria Campos
A primeira letra do meu nome em escrita
Cuneiforme



A ternura vital⁵

“A ternura vital é sinônimo de cuidado essencial. A ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais. É um conhecimento que vai além da razão, pois mostra-se como inteligência que intui, vê fundo e estabelece comunhão. A ternura é o cuidado sem obsessão: inclui também o trabalho, não como mera produção utilitária, mas como obra que expressa a criatividade e a autorrealização da pessoa”.

Esta ternura movimenta nosso cotidiano, nossa convivência e possibilitou este trabalho que se concretiza em gratidão a toda à equipe:

⁵ Fragmento do livro Saber Cuidar Ética do humano – compaixão pela terra. Leonardo Boff. Editora Vozes. 5ª edição



Diretor: Valdir Aparecido Mantega



Orientadora Pedagógica: Marcia Guedes Soares

Vice-diretora: Iara Silvia F. Trigo Delman



**Maria Francisca da Silva, Ana Paula Garcia Teixeira,
Farid Akrouch, Fernanda Cristina Maziero, Everalda
Maria da Silva, Givanildo Francisco da Silva,
Anicelma Antonia Santos, Maria Rosa Miniz Silvino,
Antônio Ulisses Mabília e José Chaves.**